

Vicente Nicolau de Mesquita — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

O retrato que hoje estampâmos n'este semanario, é o de um militar que, nos modernos tempos, imitou na Asia as façanhas dos nossos antigos guerreiros n'aquella parte do mundo.

Na tarde de 22 de agosto de 1849, indo o governador de Macau, João Maria Ferreira do Amaral, passeando a cavallo, foi inopinadamente atacado por sete chins, que se lhe aproximaram simulando quererem entregar um requerimento. Sem armas, e só com o braço esquerdo, porque perdêra o outro no serviço da patria, foi facil aos agressores derrubarem-n'o, e decepar-lhe a cabeça e a mão, que levaram ainda palpitantes, fugindo para territorio chinez pela porta do cerco ou do limite, perto da qual commetteram este crime.

O patriotismo energico do governador Amaral, e o intento, que realisou, de reivindicar a independencia politica de Macau, occasionaram aquelle attentado; porque offenderam os preconceitos da população chineza, e o orgulho e interesse dos mandarins da visinha provincia de Cantão.

Que este assassinio foi muito de antemão premeditado, e que as auctoridades chinezas auxiliaram e protegeram os sicarios que o executaram, deprehende-se do manifesto e documentos officiaes publicados em novembro do referido anno, pelo conselho do governo, ao qual se devolveu a auctoridade, presidido pelo bispo diocesano D. Jeronymo, hoje resignatario.

Com antecedencia tinham os chins preparados meios para invadir Macau, reunindo consideravel força armada nas proximidades da cidade, artilhando e guarnecendo o forte do Passaleão, e postando alguns canhões nas alturas circunvisinhas. Contavam ser auxiliados pela sublevação dos habitantes chins no interior da cidade, que então orçariam por 30:000, dispostos a exterminar a população européa, que não chegava a 6:000 almas.

Tendo os chins desamparado o pequeno posto militar ou guarda que tinham na porta do cerco, mandou o conselho do governo occupal-o na manhã de 25 do mesmo mez de agosto, por alguma tropa, para não deixar passo franco á invasão. Apenas chegada, romperam fogo contra ella, do Passaleão e das eminencias fortificadas.

N'esta crise, o desejo mais geral era ir desalojar o inimigo; mas a falta de energia e promptas resoluções que quasi sempre ha nos corpos collectivos, mantiveram indeciso o conselho; ainda que o presidente se inclinava a que se tomasse a offensiva, apesar das reflexões e escrupulos que alguns dos ministros estrangeiros, que residiam em Macau, manifestavam por este acto, que elles classificavam de grande temeridade e violação do territorio chinez. De accordo com o conselho haviam já desembarcado soldados francezes e americanos para protegerem os seus compatriotas.

Continuando o fogo, pela tarde resolveu-se mandar o seguido tenente de artilheria Vicente Nicolau de Mesquita com alguns soldados, e um pequeno obuz, reforçar a porta do cerco. Este official, que estava ás ordens do conselho, era dos que mais impacientes se mostravam em atacar o inimigo, e vendo inutilisado o obuz ao segundo ou terceiro tiro, só a

impulsos do seu brio, e sem auctorisação alguma, convidou os soldados a irem atacar o Passaleão. Uniram-se-lhe trinta e seis bravos, e logo avançou com elles para o forte, debaixo de activo fogo, e atravez de campos de arroz, que apenas permittiam marchar a um de frente sobre estreitos vallados. Ao cabo de uma hora era tomado o Passaleão, onde os chins deixaram vinte grossos canhões e muitas armas, fugindo em debandada. Calculou-se que no forte estavam 400 soldados, e 2:000 nas alturas visinhas.

Este heroico commettimento salvou Macau, arrojando para longe os aggressores externos, e pondo em respeito os chins mal intencionados da cidade.

Seguiram-se varios incidentes e complicações com as auctoridades de Cantão, suspeitas de complices no attentado, até que foi restituida por ellas a cabeça e mão do infeliz governador Amaral, as quaes com religiosa pompa foram sepultadas na egreja de S. Francisco, em Macau.

Em tão difficil conjunctura, o conselho do governo procedeu com muita firmeza e habilidade, como foi declarado no discurso do throno na abertura da sessão legislativa de 1850 das cortes do reino. Em 23 de janeiro do mesmo anno, na camara electiva, o deputado Corrêa Caldeira apresentou a seguinte proposta, que foi logo approvada com geral assentimento: «Proponho que esta camara dê um solemne voto de agradecimento e louvor ao governo provisorio do nosso estabelecimento de Macau, pela actividade e intelligencia, e pelo acrisolado patriotismo e independencia que ultimamente tem desenvolvido a favor da integridade d'aquelle estabelecimento, da soberania da coroa de Portugal, e da dignidade e decoro do nome portuguez.»

Ao bispo D. Jeronymo, como presidente do conselho de governo, e por sua iniciativa nas principaes resoluções d'elle, coube em boa parte aquelle louvor. Dá-se na vida d'este illustre prelado a pouco commum circumstancia de por tres vezes ter merecido aquellas honras aos seus concidadãos. A segunda foi quando na sessão de 20 de junho de 1853, foi declarado benemerito da patria pela casa electiva, por occasião das acaloradas discussões nas camaras legislativas sobre as questões do padroado portuguez na India. No concelho da Certã, de sua naturalidade e onde reside actualmente, foi tambem declarado benemerito pela municipalidade, por ter á sua custa feito uma estrada e o cemiterio publico no dito concelho.

Os referidos acontecimentos em Macau, os transtornos que se lhe seguiram, e as difficuldades financeiras do governo, augmentaram a já começada decadencia desta outr'ora tão rica possessão, a ponto que alguns escriptores estrangeiros prognosticaram a sua proxima perda para a coroa portugueza. Felizmente mudaram as circunstancias, e Macau tornou a florescer, por causa da guerra civil que se dilatou por todo o imperio chinez, e das hostilidades d'este com Inglaterra e França, que terminaram em 1860 pela entrada dos alliados em Pekim.

Durante estas calamidades, Macau tem servido de refugio aos emigrados chins, que chegaram a elevar até 120:000 almas a população chineza da cidade, attrahindo-lhe muitos capitaes e commercio.

O tratado com a China, concluido em Pekin em outubro de 1862, regularisou de direito, nas relações internacionaes, a plena soberania portugueza em Macau, que possuiamos de facto, mas que sempre nos era contestada pelos chins; cabendo ao ultimo governador, Isidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande de Macau, o merito relevante de ter completado o intento de que foi nobre victima o governador Amaral. O dito tratado já foi ratificado pelo governo portuguez, porém não ainda pelo chinez.

Em summa, Macau é hoje a mais prospera das nossas provincias ultramarinas, bem como a mais salubre, commoda, civilisada e pittoresca de todas as nossas cidades coloniaes. É de Macau que é natural o bravo Vicente Nicolau de Mesquita, que nasceu em 9 de julho de 1818, sendo seus paes o advogado Frederico Albino de Mesquita e D. Clara Esmeralda Pereira Carneiro.

Sentou praça de soldado voluntario, em junho de 1835, tendo 17 annos de idade. Seguiu os postos inferiores, empregado no laboratorio como artifice de fogo, cursando ao mesmo tempo a aula de mathematica que então havia em Macau, com reconhecido aproveitamento e approvação plena em ambos os annos.

Em novembro de 1845 foi por seu merecimento despachado primeiro sargento e encarregado do commando da fortaleza do Bomparto, continuando no exercicio de artifice de fogo, até que foi promovido ao posto de segundo tenente do batalhão de artilheria de Macau, por decreto de 15 de julho de 1847, e pelo de 12 de janeiro de 1850 passou a primeiro tenente por distincção, pelo feito do Passaleão. Promovido a capitão graduado em 1855, passou a effectivo em março de 1857.

Nos fins de 1862, o capitão Mesquita teve a graduação de major, e a effectividade pelo recente decreto de 9 do corrente mez (julho de 1863); sendo-lhe ao mesmo tempo conferido o commando da fortaleza do Monte, que é a principal das de Macau. Acertadissima resolução foi esta, de confiar a tão distincto official uma fortificação, que é a cidadella ou chave da mesma cidade, que elle corajosamente salvou talvez de completa ruina.

Desde 1851 até agora tem commandado e residido no forte da Taipa, em frente do porto exterior de Macau, e que domina o actual ancoradoiro das embarcações de maior lote. Alli tem feito excellentes serviços, protegendo as visinhas povoações chinezas e cobrando n'ellas impostos, bem como arrecadando os que pagam todas as embarcações de cabotagem, que em grande quantidade traficam em sal n'aquelle ponto.

No anno economico 1850 a 51, primeiro do commando do tenente Mesquita, rendeu o posto fiscal da Taipa pouco mais de 1:000 patacas, ou um conto de réis. Logo no seguinte subiu a mais de quatro contos, e foi depois progressivamente augmentando o rendimento, sendo no ultimo anno economico 1861 a 62, de 13:840$000 réis. No periodo de doze annos o rendimento total arrecadado foi de 75:421$000 réis.

O major Mesquita não só é geralmente estimado entre seus concidadãos macaenses, como valente militar, mas tambem por seu bondoso e modesto caracter, e exemplar comportamento. É instruido e estudioso na sua arma, e dado ás letras, consumindo em livros boa parte dos seus limitados haveres.

Por motivo do feito do Passaleão, os negociantes de Lisboa, que commerciavam para Macau, mandaram por subscripção a Vicente Nicolau de Mesquita uma rica espada com punho de prata, em reconhecimento e memoria do grande serviço que fizera á patria.

Em 1855 foi condecorado com o grau de cavalleiro da ordem da Conceição, e em 1857 com o mesmo grau da de Aviz. Como premio pela tomada do Passaleão, só teve o posto de accesso de segundo a primeiro tenente, como acima dissemos: todos os outros adquiriu-os por escala e antiguidade. Para a importancia do serviço, limitada recompensa foi aquella por parte do governo, como até nota um escriptor estrangeiro, D. Sinibaldo de Mas, na sua obra «*La Chine et les puissances chrétiennes*», publicada em Paris em 1861, na qual descreve aquelle successo como testimunha occular, pois residia então em Macau, na qualidade de enviado extraordinario e ministro de Hespanha no celeste imperio, e até tomou activa parte nos factos que então se deram, indo a Cantão reclamar os despo-

jos mortaes da victima da perfidia chineza. A pag. 111 do I vol. diz este illustre auctor:

«On se trouva alors dans la nécessité ou d'abandonner la porte, ou de prendre le fort (le Passaleão): on adopta ce dernier parti, et la chose fut immédiatement exécutée, grâce à l'intrépidité d'un jeune officier qui, sans avoir l'habitude de la guerre, s'offrit à prendre d'assaut le fort défendu par vingt pièces de canon de 18: suivi de vingt hommes qu'il choisit et de douze autres que sortirent volontairement de leurs rangs pour l'accompagner, il enleva le fort avec autant de promptitude que d'intrépidité. Ce vaillant jeune homme, qui, je crois, n'a pas reçut de récompense proportionnée au service qu'il rendit, se nomme V. N. de Mesquita.»

Este trecho é não sómente honroso para o major Mesquita, mas importante como valioso documento ou testimunho insuspeito da veracidade do facto extraordinario que refere, do qual os estrangeiros poderiam de futuro duvidar, inclinados como são a deprimir as nossas glorias. Hoje já um auctor francez nos contesta outro facto não menos glorioso para Macau; a campanha contra o famoso *Qua-apou-chay*, que terminou em 1810 pela completa destruição do seu poder. Felizmente o nosso conhecido escriptor J. P. Celestino Soares na segunda parte dos *Quadros navaes* ou *Epopeia*, rebate as duvidas d'aquelle auctor, e restabelece a veracidade d'aquelles factos com irrecusaveis provas. Para se julgar da importancia d'elles basta dizer, que nos ultimos combates com o dito *Qua-apou-chay*, chefe de piratas, ou antes rebelde que já aspirava á soberania imperial, apenas com 6 navios armados á pressa em Macau, tendo 118 peças e 730 homens, foi derrotada a esquadra inimiga, composta de 300 *juncos* ou embarcações, guarnecidas por 20:000 homens e 1:500 bocas de fogo: entregando-se prisioneiro o proprio chefe com 270 *juncos*, 16:000 homens, 6:000 mulheres e 1:200 canhões!

Celestino Soares, no seu livro, pergunta com patriotica indignação «onde pára esse bronze tomado aos hollandezes, em 24 de junho de 1622, remettido ao sr. D. João IV [1]? E onde estão 1:200 bocas de fogo, entregues por *Qua-apou-chay* aos portuguezes em 20 de abril de 1810, remettidas ao principe regente?!»

Poderiamos, com egual sentimento, perguntar: onde param os 20 canhões tomados no Passaleão? Nem ao menos foram conduzidos para Macau, para attestarem aos vindouros o nosso triumpho!

Mas em fim, se pouco cuidâmos de eregir monumentos ou de conservar reliquias dos altos feitos nacionaes, sirva-nos ao menos de lenitivo, que a tradição e renovação d'estes não se interrompe, mesmo nas mais remotas partes da monarchia.

C. J. Caldeira.

FERNÃO PEREZ CHURRUCHÃO

TRADIÇÃO GALLEGA DA EDADE MEDIA

(VERSÃO DE BRITO ARANHA)

(Conclusão. Vid. pag. 139)

X

Levaremos por segunda vez o leitor á prisão de Pedro Curruchão.

Apesar do bom tratamento, e dos meios empregados pelo novo carcereiro para mitigar a triste sorte do velho, a sua doença peiorava extraordinariamente.

[1] No ataque que n'aquelle dia intentaram os hollandezes contra Macau, foram repellidos com grande perda; mas a tradição local de que deixaram 50 canhões e muitos prisioneiros, é infundada, segundo apuradas indagações historicas sobre aquelle successo. As peças de bronze que vinte annos depois a cidade de Macau offereceu ao sr. D. João IV, foram fundidas em Goa, e enviadas, juntamente com avultada quantia em dinheiro, para auxiliar a guerra da independencia contra Castella.

Ás duas horas da madrugada do dia seguinte ao em que D. Pedro de Castella determinára o seu regresso para Santiago, o infeliz Churruchão, deitado no monte de palha que lhe servia de cama, quasi que não podia responder ás amigaveis esperanças e conforto que lhe dava o carcereiro amigo.

— Não desanime; seu filho não póde tardar, vae abraçal-o e depois sairá d'aqui com elle. Animo, pois, e confie no que lhe digo.

— Fernão!... Maria!...

Eram estas as unicas palavras que soltava o moribundo preso.

— Mas, senhor, — repetiu o que o acampanhava com profunda commoção, socegue: Fernão vem brevemente. Vêl-o-ha de um momento para o outro.

— Maria!... Fernão!... — tornava o preso com voz tão debil, que parecia o ronquido precursor da morte.

Não mentia o mysterioso carcereiro quando assegurava ao ancião que seu filho chegaria em breve.

Alguns passos confusos que sentiu no corredor immediato, e logo duas pancadas na porta do carcere, o obrigaram a deixar a cabeça do veneravel ancião que sustentava nos braços, reclinando-a cuidadosamente na almofada que lhe déra com sincero carinho.

Era Fernão Perez o que batêra á porta.

— Tenha cuidado, porque uma imprudencia põe em risco a sua vida, observou o carcereiro; se não se oppozessem tantas difficuldades, e se não fosse o estado de prostração em que o encontrei, já o haveria tirado d'este calaboiço.

— Onde está? — perguntou Fernão.

— Alli; mas se quer recolher o ultimo alento de seu pae, reprima o coração, e não lhe apresse com o sobresalto a agonia.

Fernão entrou no carcere, e, ajoelhando, segurou entre as suas uma das mãos geladas do auctor de seus dias. Os labios do mancebo aproximaram-se instinctivamente do rosto livido do moribundo.

Apesar do beijo ser dado levemente, o ancião sentiu-o, e como se a sua alma de martyr houvesse aspirado o santo balsamo do amor filial, como se conhecêra o filho pelo contacto dos labios, abriu de repente os olhos, nos quaes brilhou a derradeira chamma de ternura e de alegria indefinivel.

— Meu Deus! — murmurou o mancebo tornando a beijar a fronte do preso.

Este pareceu reanimar-se com o timbre d'aquella voz querida.

— Fernão!... Maria!... — disse erguendo a cabeça, que tornou a caír pesadamente no miseravel leito.

— Meu pae!... meu pae — gritou Fernão, apoderando-se d'aquella pallida cabeça, em cujas fontes mal se sentia a pulsação.

O olhar sem brilho, mas grave, foi-se pouco a pouco amortecendo, fito no rosto de Fernão. O mancebo tornou outra vez a beijal-o, e depois applicou o ouvido aos labios do velho.

— «Fernão... vinga-me!»

Tal lhe pareceu ouvir; e quando o estertor annunciou a morte de Churruchão:

— Vingar-te-hei, meu pae! — exclamou Fernão solemnemente.

E beijando repetidas vezes a cabeça gelada do ancião, deitou-a cuidadosamente na almofada, como se receiasse ainda despertal-o do eterno somno.

Fernão ia a saír quando o carcereiro o deteve dizendo-lhe:

— Acabei aqui a minha missão; agora podêmos ir juntos.

Julgou o mancebo que o seu interlocutor lhe pedia a paga de seus serviços.

— Que devo dar-lhe, meu amigo, pelo serviço que me prestou?

— Não me conhece? — perguntou-lhe o carcereiro com amargo sorriso.

Fernão Perez olhou-o attentamente, mas não se recordou das feições do desconhecido.

— Esqueceu já o Cadaval, o amigo de seu pae?...

— É o Cadaval?

— Sou.

— Tão desfigurado está!

— Dentro de um mez dirão o mesmo do sr. Fernão Perez. Ninguem conhecia seu pae ao oitavo dia de prisão, e deve saber que era mais velho que eu apenas quatro annos.

— Quem o trouxe para aqui?

— De Santiago saí ha um mez e meio, e alli não sabem onde paro.

— Não me diz os motivos?

— Viu sua irmã, Fernão?

— Não pude. Quiz primeiro assistir ao passamento de meu infeliz pae.

— E sabe o que succedeu...

— Sei desgraçadamente; mas ainda ignoro quem pôde causar-me tal affronta.

— As mesmas pessoas que causaram a morte de minha filha.

— Sua filha!... Diz que morreu sua filha!

— Morreu louca. Os malvados tiraram-lhe a razão!...

— E quaes foram?

— Venha commigo, Fernão Perez!... Ambos temos que pedir estreitas contas ao arcebispo de Santiago de Compostella e aos seus miseraveis familiares.

— O arcebispo?!

— Sim; porém devemos ter cuidado, porque D. Suero vive precatado, e em volta de seu paço vigiam constantemente numerosos soldados. Velemos por el-rei D. Pedro de Castella, e preparemos a nossa vingança.

XI

Chegára a vespera do dia *Corpus Christi*, e o devoto povo de Santiago tratava de enfeitar-se para a proxima festa.

Faziam-se em toda a parte grandes esforços para adornar as frontarias; na famosa cathedral occupavam-se mais de cem armadores em decoral-a com singular magnificencia.

Desde a tarde chegavam numerosos grupos de aldeões das circunvisinhanças, em trajo de romaria; as danças e as gaitas principiavam a dar grande animação, pondo em bulicio todas as ruas da cidade.

O mez de junho corrêra encantador; galas da vegetação em todos os campos; flores em todos os jardins; fructos abundantes; sol formosissimo; ar puro e vivificativo. Era tudo claro indicio de que o dia do Corpo de Deus devia ser notavelmente benefico e agradavel para todos.

Não entraremos com o leitor no palacio dos Churrucháos, porque alli só encontrariamos o enteiriçado cadaver de Maria, que fallecêra na manhã antecedente. Para que o coração se entristeça e padeça, é assaz o complemento d'este conto.

Entremos, pois, no palacio em que reside el-rei D. Pedro, e vejamos o que se passa na camara onde se acha rodeado de tres cavalleiros, que na adversidade tem sido os mais leaes amigos.

Um d'elles é Fernão Perez Churrucháo; o segundo é Cadaval, o mysterioso carcereiro do ancião.

O terceiro personagem, de que ainda não fallámos, não se afastou do monarcha desde a sua chegada á Galliza, seguindo-o para todas as terras. Amigo intimo de Fernão, se não se lhe oppozesse o infortunio, de certo que outra especie de vinculo o ligaria á familia de Churrucháo.

O moço barão Pio de Moscoso era o promettido noivo da virtuosa e desgraçada Maria.

Estes individuos assentaram-se como resignados perante el-rei.

Mas nem por isso era menos tenebrosa a sua apparente tranquillidade. N'aquella bonança occultava-se a tempestade que devia rebentar ao proprio tempo.

Guardando a habitual seriedade, el-rei fallava-lhes cordialmente, e n'aquelle momento parecia ter esquecido a coroa, para tratar unicamente dos interesses que respeitavam a tão leaes subditos.

Depois de longa pausa, em que D. Pedro permaneceu como abstracto, ergueu magestosamente a fronte, e com olhar brilhante e sorriso de terrivel satisfação, dirigiu-se aos tres cavalheiros d'este modo:

— Digam, meus amigos: julgarão os habitantes de Santiago que ainda sou D. Pedro I de Castella? Fallem-me com franqueza, e respondam se a minha justiça póde alguma coisa sobre esse poderoso clero. Digam se a mão d'este monarcha foragido é já debil para esmagar a mentirosa hydra que além nos assoberba!... Churrucháo, Moscoso e Cadaval, perguntem ao arcebispo se receia a minha colera, ou se eu, el-rei de Castella, sou quem devo temer a sua reverencia?

Churrucháo, dando um passo para el-rei, disse levando a dextra ao coração:

— Ordene, senhor, e a sentença que pronuncie V. M. cumprir-se-ha, como se devem cumprir todos os mandados de el-rei D. Pedro de Castella.

Mande, senhor, e será obedecido em quanto podermos! — acrescentaram Moscoso e Cadaval.

— Esquecem-se de uma coisa, meus amigos!...

— De que nos deslembrâmos, senhor?

— Esquecem-se de que o arcebispo tem aqui mais poder e maior numero de soldados que eu. Para que havemos de pensar o contrario?

— Porém se V. M. pronunciar uma sentença, qualquer que seja, contra o arcebispo, ha de cumprir-se com o rigor que determinar.

— Pergunto agora — tornou el-rei depois de breve pausa; cada um tem que desaffrontar-se das offensas do prelado ou dos seus familiares?

— Temos! — responderam quasi ao mesmo tempo os tres cavalleiros.

— E pedem justiça.

«Attendendo, pois, a que, com pequena differença, são eguaes as accusações que fazem contra o arcebispo, e todas ellas tão espantosas que só podem reparar-se com sangue, é minha real vontade que se dê a morte a esse homem ámanhã mesmo».

— Obrigado!... obrigado, real senhor!

— E porque as offensas foram commettidas occultamente, quero que todo este povo seja testimunha da minha justiça. Churrucháo, Cadaval, Moscoso, tem bastante odio e bem levantado animo para executarem, pelas proprias mãos, a minha sentença?

Todos tres responderam affirmativamente com signaes da mais feroz alegria.

— Então... ámanhã, quando o arcebispo for na procissão, matem-o no meio d'ella e de todo o povo. Meus bons e leaes amigos, deixem-me agora por alguns momentos.

Retiraram-se os tres personagens para a antecamara, em quanto el-rei, vendo-os sair do seu aposento, murmurava com amargor:

— Pena é ter junto de nós tão ousados e leaes subditos, e ver que um miseravel bastardo ha de arrebatar a coroa ao legitimo rei D. Pedro I de Castella!

XII

Amanheceu o dia seguinte risonho e festivo como nunca.

Desde a alvorada immensos grupos discorriam pelas ruas e praças, povoando a cidade e os arrabaldes.

Saíu ás dez horas em ponto, entre o repique estrepitoso dos sinos, a vistosa e solemnissima procissão, antecedida de incalculavel numero de tochas.

Iam as dignidades da cathedral, as ordens religiosas, os priores, as irmandades, e outras corporações pessoas que eram chamadas para aquelle solemne acto; e, no coice da procissão, cercado por nuvens de incenso, o Sagrado Corpo dentro de uma custodia de inestimavel preço.

Se o esplendor com que, n'aquelle anno, se commemorava o Corpo de Deus causou geral admiração, não produziu menor espanto, pela edade, o rosto do mancebo que tomára posse da mitra.

De modo que toda a gente se apinhava para comtemplar assombrada o moço arcebispo, e quasi não ousava acreditar o que via.

Seguiu a procissão o seu itinerario, entre as flores que se lançavam das janellas sobre o pallio, e chegou ao sitio conhecido pelo nome da Rocha.

Foi alli forçada a demorar-se, para que um grupo numeroso de individuos que vinha em direcção contraria, se encorporasse no prestito.

Resultou d'isto, primeiramente, certa desordem, mas pouco depois augmentou a confusão de modo singular, e tanto que muitas pessoas começaram a fugir para varios sitios, dando gritos de espanto e atropelando-se terrivelmente.

Tres homens a cavallo, cobertos de todas as armas e com as viseiras caladas, corriam á redea solta com direcção ao pallio.

Quando chegaram perto d'elle pozeram em completa debandada todos os padres, distribuindo com impeto feroz um sem numero de cutiladas; e apenas o arcebispo ficou inteiramente desamparado, se arremessaram contra elle dando-lhe tantos e tão enormes golpes, que poucos minutos bastaram para que o corpo de D. Suero ficasse rasgado de alto a baixo, e o solo, onde jaiza estendido, um lago de sangue.

Os poucos que presenciaram esta sanguinolenta scena, permaneciam atterrados de tamanho sacrilegio.

Quando alguns intentaram oppor-se, ainda que demasiado tarde, um dos cavalleiros descobriu o rosto e gritou com voz estrondosa:



Aurora boreal — Pag. 150

— Deixem passar a justiça de el-rei D. Pedro I de Castella!

E enterrando as esporas nos ilhaes do cavallo, desappareceu com a velocidade do raio, seguido de seus companheiros.

— Churruchão... Churruchão é o assassino! — exclamaram os presentes cada vez mais assombrados.

Mas os tres cavalleiros já estavam fóra do alcance de todas as vistas.

Por outro lado, o nome de el-rei D. Pedro, proferido com tão notavel fervor pelo moço Fernão, fez estremecer os mais ousados até á medulla, como vulgarmente se diz.

XIII

Renunciâmos descrever a consternação que produziu em Santiago este successo, cuja historia, com as circumstancias que já referimos, é ainda hoje tão popular e sabida n'aquella cidade.

Fernão Perez de Churruchão e os seus companheiros seguiram a desventurada sorte de el-rei D. Pedro, e não o abandonaram um só instante.

Quando occorreu o memoravel fratricidio, nos campos de Montiel, que valeu ao conde de Trastamara a coroa, todos os amigos do mal vencido soberano se viram obrigados a refugiar-se no estrangeiro; porque D. Henrique, apesar da generosidade que querem attribuir-lhe, não perdoou a nenhum dos leaes vassallos que defenderam el-rei D. Pedro, seu irmão.

Fernão Perez de Churruchão entrou n'aquelle numero, e por ventura com maior razão.

Os habitantes de Santiago reconheceram-n'o como auctor da morte do arcebispo, e esta noticia, como era natural, chegou ao conhecimento do papa.

Sua santidade fulminou com uma bulla de excommunhão o moço Fernão Perez.

Confiscados os seus numerosos bens, passaram estes a augmentar os que a mitra possuia; e durante cinco seculos, pouco mais ou menos, estiveram em seu poder.

Ha poucos annos que parte d'esses bens, levantado por fim tão longo sequestro, voltaram para certo fidalgo da Galliza descendente d'aquella familia.

Voltando a Fernão, conta-se a respeito d'elle e da excommunhão que o fulminára, um episodio verdadeiramente curioso.

Encontrava-se o moço Churruchão n'uma cidade de Italia, parece que foi Veneza, e por causa dos numerosos desgostos e da emigração que lhe era dolorosa, adquiriu uma enfermidade chronica, d'essas que levam rapidamente ao tumulo. Lembrou-se, portanto, de implorar do papa a revogação do anathema.

Contava com dedicados amigos entre a nobreza italiana, e, principalmente, um cardeal oriundo da Galliza, tinha-lhe particular affecto.

Era provavel que, depois de passados cinco ou seis annos, e tendo cessado a primeira impressão, se offerecessem menos difficuldades para conseguir o fim proposto. Assim o acreditavam todos.

Convieram os amigos do expatriado cavalleiro nos meios que era prudente empregar para convencer o papa e alcançar a sua absolvição. Quem mais trabalhou foi o referido cardeal gallego.

Sua santidade negou-se, e as promessas de penitencia que lhe fizeram, em nome do mancebo, não lhe mudaram o proposito.

Soube-o Fernão. Passado mais um anno, encontrando-se alliviado de suas enfermidades, dirigiu-se incognitamente para a cidade de Roma. Apresentou-se ao cardeal, e, abraçando-o, disse-lhe:

— Meu amigo, venho a Roma implorar a absolvição.

— Ainda teima? — perguntou-lhe o cardeal.

— Parti de Veneza com esta resolução invariavel.

— Tornarei a insistir, porém duvido do bom resultado.

O cardeal instou, com effeito, junto de sua santidade, mas baldadamente.

Voltando para Fernão, lembrou-se de lhe fazer a seguinte proposta:

— V. é um cavalleiro habil e destro.

— Serei.

— Quer fazer o que lhe aconselhar?

— Obedecerei.

— Afigura-se-me que é o unico meio que nos resta.

— Qual é, pois?

— Sabe o caminho que o papa segue pela tarde quando passeia?

— Conheço-o.

— A um quarto de legoa de distancia ha uma altura da direita, especiē de despinhadeiro, que é perigoso para os que não forem peritos cavalleiros.

— Tambem conheço o sitio de que me falla.

— N'esse caso, o papa irá hoje por alli, ao caír da tarde. V. montará a cavallo e conservar-se-ha em observação até que o divise. Eu irei ao lado de sua santidade.

— E depois...?

— É simples: quando notar que se avisinha o sequito, figure que se desbocou o cavallo...

— Comprehendo agora! — exclamou Churruchão, com gesto de agradecimento para o cardeal.

N'aquella tarde Fernão Perez foi para o sitio indicado.

Ainda se não havia occultado o sol, quando enxergou o sequito do papa.

Deixou que se avisinhasse mais, e obrigou o cavallo a dar taes e tão arriscados saltos, que o cardeal, vendo chegado o momento exclamou dirigindo-se ao papa.

— Senhor!, olhe vossa santidade aquelle homem em risco de uma desgraça, e talvez da vida... Absolvição para essa alma proxima a perder-se!

O papa deteve-se e ergueu a mão direita. O cardeal já se dava o parabem pelo bom exito do seu plano, quando notou que o papa estava em meditação.

Lembrou-lhe o cardeal, por segunda vez, a imminencia do perigo.

Sua santidade resolveu-se então a absolver o cavalleiro, pronunciando a fórmula em voz alta.

Avaliem, porém, o espanto do cardeal, quando o papa, que ainda tinha na memoria o defuncto arcebispo de Santiago, absolveu sob a clausula de que *não havia de ser Fernão Perez Churruchão o homem que assim estava em perigo de vida.*

O cardeal perdeu todas as esperanças, e aconselhou ao seu amigo que desistisse de tal proposito. Assim procedeu Fernão Perez, segundo consta.

Ninguem o tornou mais a ver em Roma.

AURORA ELECTRICA

O que é aurora electrica? — É um clarão ou nuvem luminosa que apparece algumas vezes no ceo, para o norte ou para o sul, junto dos polos magneticos, norte e sul, da terra; isto é, proximo dos pontos para onde se dirige a agulha de marear ou bussola, nos dois hemispherios.

A aurora electrica, chama-se *aurora boreal* quando apparece ao norte; e *aurora austral* quando se vê ao sul.

As auroras boreaes são muito raras nas nossas regiões, porém nas do Norte são communmnissimas: e sob o 70° de latitude é tambem raro que passe uma noite clara sem que se perceba pelo menos algum clarão.

Sob quantos aspectos se mostram as auroras electricas? — Dois; de *arco* ou de *resplendor*.

No de arco, separado do horisonte por um segmento de côr escura, é de uma alvura brilhante, passando muitas vezes para azulado ou para amarello tirante a verde; a orla inferior desenha-se nitidamente, mas a superior confunde-se com o clarão que illumina todo o firmamento.

No aspecto de resplendor, os raios da aurora electrica são brancos, e sobem do horisonte para o zenith sob a fórma de roupas scintillantes que fluctuem ao vento. Tambem algumas vezes se formam de *coroas zenithaes*, ornadas das mais bellas côres, e d'estas coroas parece que se despedem os raios que a abrilhantam. A gravura da pag. 149 representa uma d'estas auroras.

Qual é a causa das auroras electricas? — Julga-se actualmente que a aurora, tanto boreal como austral, é essencialmente uma manifestação electrica do magnetismo terrestre, uma especie de tempestade magnetica. Este phenomeno, comtudo, ainda não está explicado por modo satisfactorio. Muitas causas secundarias podem concorrer para a sua formação, e para o modificar.

Qual é causa das differentes côres das auroras electricas? — A varia densidade e estado hygrometrico das camadas da atmosphera, através das quaes passa a luz das auroras, basta para lhes dar differentes côres, as quaes podem tambem depender de circunstancias ainda desconhecidas; da intervenção das nuvens chamadas *cirrus*, de pequenos corpos ou das nuvens de poeira que giram na atmosphera em grande altura, etc. etc.

Ouve-se algum rugido durante as auroras magneticas? — Muitos observadores julgam ter ouvido durante as auroras boreaes certos rugidos sibilantes, estridor, ribombo, estalidos. Todavia é mais provavel que estes rugidos sejam illusorios, e que a aurora boreal seja silenciosa.

Qual é o phenomeno que deu communmente ás auroras electricas o nome de «cabras dançantes?» — Os movimentos ondulantes dos seus raios.

Como se sabe que as auroras são um phenomeno produzido pelo magnetismo terrestre? — Porque exercem grande influencia na agulha de marear, e a desviam da sua direcção habitual; por que ha uma relação constante entre a apparição das auroras magne-

ticas e as variações de intensidade do magnetismo terrestre; porque as apparições periodicas, maximas e minimas, das auroras, correspondem aos maximos e minimos periodos de intensidade do magnetismo. Arago, observando as agitações da agulha amiantada no interior do observatorio de Paris, póde annunciar que em tal dia e a tal hora havia de apparecer uma aurora magnetica no hemispherio do norte. — (*Brewer*. Chave da Sciencia).

A apparição de uma aurora boreal é o acto que põe fim a uma *tempestade magnetica*, como nas *tempestades electricas* o relampago, outro phenomeno de luz, annuncia que o equilibrio, momentaneamente perturbado, chegou a restabelecer-se na distribuição da electricidade.

Para reunir n'um quadro só todas as feições que caracterisam o phenomeno, é preciso descrever as diversas phases de desenvolvimento que constituem uma aurora boreal completa.

No horisonte, para os lados do meridiano magnetico do logar, o ceo puro a principio começa a carregar-se; forma-se então uma especie de véo nebuloso, que vae subindo lentamente, e que chega a alcançar por fim uma altura de oito ou dez graus. Por este segmento obscuro, que passa da côr de castanha á de violeta, vêem-se as estrellas como através de um nevoiro denso; depois, mais tarde um pouco, nas margens d'este segmento apparece um arco mais largo, primeiro branco, depois amarello, mas sempre de luz brilhante. Algumas vezes este arco luminoso parece agitado, durante horas, por uma especie de effervescencia, um continuo mudar de fórma, antes de lançar columnas e raios de luz que sobem até ao zenith. Tanto mais intensa é a emissão da luz polar, tanto mais vivas são as côres, que, de violeta e de branco azulado, passam por todas as gradações intermediarias do verde e do vermelho purpurino. Não acontece o mesmo com as faiscas electricas; a sua côr está na razão directa da força da tensão e da violencia da explosão. Umas vezes parece que as columnas de luz sáem do arco brilhante de mistura com raios negros similhando fumo denso; outras elevam-se simultaneamente em differentes pontos do horisonte, e reunem-se n'um mar de chammas, cujo esplendor magico nenhuma pintura poderia reproduzir, porque a todo o momento ondulações rapidas lhe fazem variar de brilho e de fórma. Em certos momentos, a intensidade d'esta luz acrescentada pela rapidez do turbilhão magnetico, chega até ao ponto de tornar perfeitamente visivel, mesmo com o sol fóra, o apparato e as ondulações da aurora boreal.

Em roda do ponto que corresponde no ceo á direcção da agulha magnetica, livremente suspensa pelo centro de gravidade, vê-se, quando o phenomeno adquire o maximo desenvolvimento, reunirem-se os raios, e formarem o que se chama a *coroa* da aurora boreal, que é uma especie de docel brilhante de luz serena e suave. É raro que a apparição seja completa, e que se prolongue até á formação d'esta coroa; mas quando esta chega a apparecer é sempre para annunciar a terminação do phenomeno. Mal se fórma, começam logo os raios a tornarem-se mais raros, mais curtos e mais pallidos. A coroa e os arcos luminosos dissolvem-se, e em pouco tempo vêem-se na abobada celeste, unicamente, umas largas manchas nebulosas, immoveis, pallidas ou de côr acinzentada; estas esvaecem-se tambem, assim como o segmento escuro que assignalou o começo da apparição, até ficar apenas no horisonte uma nuvem tenue, esbranquiçada, de bordos farpados ou divididos em monticulos globulosos, ultimos resquicios de um dos espectaculos mais prodigiosos que as altas regiões da atmosphera podem offerecer á vista do homem. — (*Humboldt*. Cosmos).

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

VII

A TERRA

Sem nos ser necessario ir além dos apertados limites do planeta em que Deus nos fez nascer, offerece-nos a natureza as scenas mais variadas, os espectaculos mais grandiosos e mais sublimes. Entre os globos mais protegidos no meio dos astros errantes, o que habitâmos parece ter sido privilegiado; menos frio e menos afastado do sol que Saturno, Jupiter ou Marte, é menos ardente do que Venus e Mercurio, que parecem estar proximos de mais ao astro da luz.

E com que magnificencia tambem a natureza se manifesta brilhando na terra!

A luz purissima, que do oriente se estende ao poente, vae doirando successiva os hemispherios do nosso globo; um elemento transparente e ligeiro o circunda, um calor suave e fecundo o anima, e faz desenvolverem-se e produzirem todos os germens da vida; aguas vivas e salutares lhe auxiliam a sustentação e crescimento; elevações distribuidas pelos terrenos represam os vapores do ar, e tornam estas nascentes sempre novas, inesgotaveis sempre, cavidades immensas destinadas a recebel-as dividem os continentes, e o mar não cede em extensão á terra, elle que bem longe de ser elemento esteril e desanimado, é outro imperio tão rico, tão povoado e cheio de animação como o primeiro.

O dedo de Deus marcou-lhe os limites. Se entra pelas praias do occidente, deixa porção egual a descoberto no oriente. Esta massa immensa de agua inactiva de si, está subjeita á impressão produzida pelos movimentos celestes; baloiça-se com oscillações regulares de fluxo e refluxo, eleva-se e deprime-se pela acção do astro da noite; eleva-se mais ainda quando com a acção d'este concorre a do sol, e que reunidas as forças de ambos nos equinoccios, apparecem as grandes marés.

Nenhuma parte da terra mostra mais evidenciada a nossa correspondencia e ligação com o ceo.

D'estes movimentos constantes e geraes resultam movimentos variaveis e especiaes: transportes de terras, depositos que vão formar no fundo dos mares elevações similhantes ás que encontrâmos na superficie da terra, correntes que seguindo a direcção d'estas cordilheiras de montanhas submarinas, lhes dão figuras em que se correspondem todos os angulos, e que, correndo pelo meio das ondas, como as aguas correm pelo meio das terras, vem a ser na realidade verdadeiros rios do mar.

O ar mais fluido, mais ligeiro ainda do que a agua, obedece tambem a influencias mais numerosas talvez. A acção remota do sol e da lua, a acção immediata do mar, a do calor que o rarefaz, a do frio que o condensa, estão-lhe produzindo sempre continuadas agitações; são-lhe os ventos correntes, impellem e congregam as nuvens, produzem meteoros, levam sobre a superficie arida dos continentes terrestres os vapores humidos das regiões maritimas; determinam tempestades, espalham e distribuem chuvas fecundantes e orvalhos vivificadores; alteram os movimentos do mar, agitam a superficie movel das aguas, demoram ou precipitam as correntes, fazem-n'as até retroceder, intumecem as ondas, excitam as tempestades. Então vê-se o mar enfurecido erguer-se ameaçando os ceos, e quebrar-se depois rugindo de encontro aos diques inabalaveis, que apesar de seus esforços não póde destruir nem vencer.

E a terra erguida acima do nivel do mar, e livre das suas invasões, esmaltando-se de flores, vestindo-se de verdura, que se renova sem cessar, povoando,

com milhares de milhares de especies de animaes differentes, é logar de repouso onde o homem collocado para secundar a natureza, domina e dirige todos os seres que o rodêam.

Associado, para assim dizer, á creação terrestre, constitue o seu principal ornamento e a sua producção mais nobre, e multiplicando-se, multiplica-lhe o germen mais precioso; e ella parece tambem multiplicar-se com elle, que a exalta-a expondo á luz, pelo seu artificio e trabalho, os primores que a sua socia entranhava nas mais reconditas profundidades.

E que thesouros ignorados! Quantas novas e desconhecidas riquezas!

As flores, os fructos, as sementes aperfeiçoadas, multiplicadas até ao infinito; as especies dos animaes uteis transportadas, propagadas e infinitamente multiplicadas; em quanto as especies nocivas se vêem reduzidas, afastadas e cada vez mais limitadas; o oiro, e o ferro mais necessario do que o oiro, extrahidos das entranhas da terra, as torrentes contidas, os rios dirigidos, canalisados, o mar submettido, estudado, conhecido, navegado de hemispherio a hemispherio; a terra accessivel por toda a parte, por toda a parte cheia de fecundidade e de vida. Nos valles, prados risonhos, nas planicies pastagens opulentas, ou cearas mais opulentas ainda; as collinas carregadas de vinhas e de fructos, as cumiadas frondeando arvores uteis ou florestas nascentes; desertos transformados em cidades habitadas por uma povoação mansa, que, circulando sem cessar, espalha-se d'estes centros para as extremidades; estradas patentes e frequentadas, communicações estabelecidas por toda a parte, como testimunha da força da união das sociedades; milhares d'outros monumentos, em fim, de poder e de gloria, a demonstrarem que o homem, senhor do dominio da terra, deu-lhe nova fórma á superficie, participando sempre e em toda a parte do poder da natureza.

Entretanto é só pelos direitos de conquistador que vae reinando, goza mas não possue, e se os conserva ainda é á custa de cuidados e cautelas, que está constantemente a renovar. Se estes cessassem affrouxaria tudo, tudo se alteraria, tudo mudaria para tornar ao poder exclusivo da natureza: porque esta vae sempre reconquistando os seus direitos, apaga as obras dos homens, cobre de musgo e de poeira os seus monumentos mais faustosos, destroe-os por fim de tempo, e só lhe deixa o pezar de ter perdido, por sua culpa, o que os seus antecessores tinham conquistado. — *(Buffon)*.

Saber só o que souberam os antigos, não é saber é lembrar-se. P. Antonio Vieira.

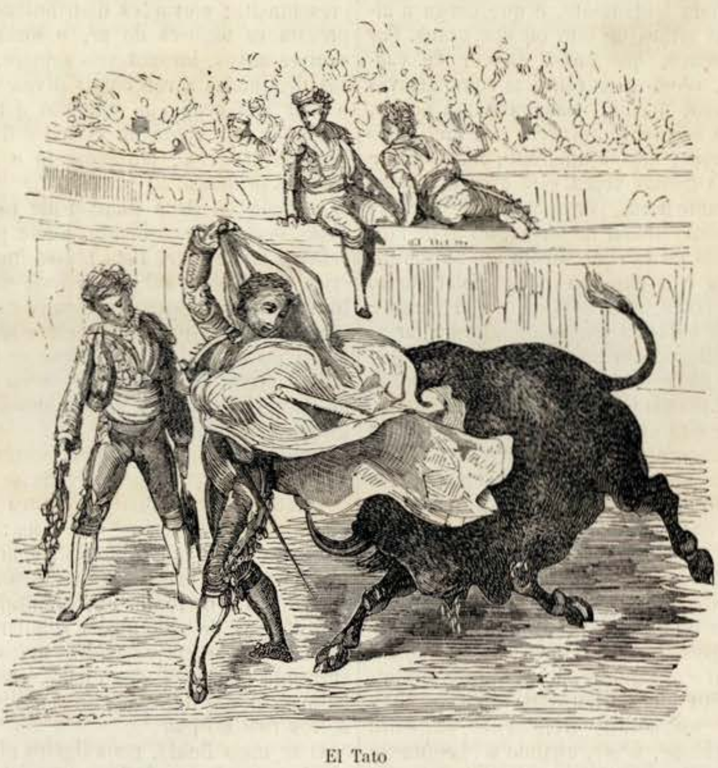
EL TATO, TOIREADOR HESPANHOL

De uma recente viagem a Hespanha, escripta por M. Davillier, illustrada com magnificos desenhos de Gustavo Doré [1], copiámos esta gravura que representa o celebre *espada* castelhano Antonio Sanches, *El Tato*, que o anno passado veiu algumas tardes toirear á nossa praça do campo de Santa Anna.

Tato é hoje o melhor matador de toiros á espada que tem a Hespanha; *Calderon* um picador valente como o Cid; e o *Gordito* o mais destro e temerario bandarilheiro que se conhece.

O viajante francez assistiu em Valencia a uma toirada, na qual entraram estes tres marechaes da tauromachia, cuja pericia e coragem exalta e admira.

Esta corrida descreve elle minuciosamente, sendo o texto intercalado de gravuras desenhadas por G. Doré. Ahi resume a historia da tauromachia em Hespanha, referindo a tradição de que os antigos povos de Hespanha já corriam toiros muito antes dos arabes. Que o Cid campeador, o Achilles hespanhol, fôra um toireiro consummado; que a nobreza musulmana não era menos apaixonada por estes combates que os fidalgos christãos; que o imperador Carlos v fôra picar na corrida que houve na praça de Valhadolid durante as festas do nascimento de seu filho D. Filippe II. Que não obstante a bulla de Pio v que fulminou excommunhão contra os que assistissem a toiradas, taes espectaculos nunca cessaram; antes por esse tempo (seculo XVI) se publicaram varios tratados sobre o *toreo*, e cavalgar á gineta, com todas as regras de equitação applicada á tauromachia, porque então só a cavallo é que se corriam os toiros; constando de uma relação impressa em 1626, que houvera em Madrid uns toiros reaes a que assistiu o proprio cardeal legado *à latere*.



El Tato

M. Davillier resenha chronologicamente todos os progressos e aperfeiçoamentos da arte de toirear em Hespanha, nomeando os mais notaveis *espadas*, *picadores* (cavalleiros), e *bandarilheiros* (capinhas), que tem havido até hoje; com os retratos de muitos d'elles, e o desenho das *sortes* mais arriscadas, e das que se hão inventado nos ultimos tempos.

É obra que deve encher as medidas aos *amadores*, e da qual ainda havemos copiar algumas gravuras, para que os leitores que residem onde não ha toiradas, possam fazer idéa dos arriscadós lances de similhantes combates, embora os tenham, como nós, por barbarescos e obsoletos. O escriptor francez só se refere ás corridas em Hespanha; pelo que teremos de lhe additar o que ha tocante a Portugal.

[1] Publicada no *Tour du Monde* d'este anno.